

O PERCURSO MUSICAL DE JOSÉ MÁRIO BRANCO E A SUA PRESENÇA NA IMPRENSA NACIONAL ENTRE 1970 E 1974

Patrícia Lampreia Lopes

RESUMO A actividade musical de José Mário Branco estendeu-se por cinco décadas, abrangendo as mais variadas áreas. O lançamento da plataforma em linha Arquivo José Mário Branco, em Junho de 2018, pretendeu tornar acessível ao público um vasto conjunto de documentos relacionados com o percurso profissional do autor, podendo constituir-se como um instrumento de apoio ao estudo e compreensão da sua obra e actividade. Neste artigo será feita uma retrospectiva da produção musical de José Mário Branco entre 1970 a 1974, que representa os anos em que o músico esteve mais activo musicalmente durante o seu exílio em Paris, tendo essa actividade chamado a atenção da imprensa portuguesa e aumentado com o seu regresso a Portugal após o 25 de Abril de 1974.

AUTORA Licenciada em Ciências Musicais pela NOVA FCSH, detendo também uma pós-graduação em Produção Áudio e Vídeo pela mesma faculdade. É bolseira de investigação do CESEM (Centro de Estudos de Sociologia e Estética Musical) desde Setembro de 2017, tendo vindo a exercer as suas funções no âmbito do projecto Arquivo José Mário Branco. Desde 2020 faz parte da equipa do Centro de Estudos e Documentação José Mário Branco - Música e Liberdade, que tem como objectivo conservar e organizar o espólio de José Mário Branco cedido pelos familiares à NOVA FCSH.

A actividade musical de José Mário Branco durante o seu exílio em Paris e o regresso a Lisboa

José Mário Branco ocupa um lugar incontornável na música de intervenção portuguesa do século xx, como cantautor, compositor e produtor musical. A forma como transpôs para a música a realidade vivida pelo povo português durante os anos de ditadura, tornou a sua obra num verdadeiro símbolo de resistência, a par de artistas como Sérgio Godinho, José Afonso ou Adriano Correia de Oliveira.

A viver em França desde 1963, num exílio forçado para fugir ao serviço militar na Guerra Colonial, em relação à qual era expressamente contra, José Mário Branco chegou a Paris com vinte e um anos e aí viveu até se dar a Revolução do 25 de Abril de 1974. Foram quase onze anos de exílio, com encontros e despedidas na Gare de Austerlitz,¹¹ tempos solitários, de saudade e preocupação, partilhados com outros companheiros de exílio. Numa entrevista à delegação em França da Fundação Calouste Gulbenkian, José Mário Branco relata as primeiras noites em Paris passadas debaixo das pontes da cidade, dado que a pessoa que o devia ter recebido, por não saber exactamente o dia da sua chegada, tinha-se ausentado da morada indicada para um fim-de-semana fora do país (não nos esqueçamos das dificuldades de comunicação naquela época, sobretudo entre pessoas que partiam para o exílio e não podiam falar abertamente dos seus planos). Anos mais tarde, seria José Mário Branco a abrir as portas da sua casa em Paris a dezenas de exilados que fugiam do serviço militar e da polícia política em Portugal, dando-lhes abrigo e apoio (Fondation Calouste Gulbenkian s.d.). Embora a situação socioeconómica em França estivesse fragilizada, a liberdade de expressão não se encontrava comprometida.

A par da pobreza que se sentia nas zonas rurais francesas e da exploração a que o proletariado estava sujeito, a busca de melhores condições de vida nas cidades nem sempre resultava como esperado. A França esteve também envolvida em guerras coloniais na Indochina e depois na Argélia, com as quais muitos discordavam. Contudo, não obstante todos estes condicionamentos e fatores menos favoráveis a uma vida tranquila e generosa, a França

1 Estação conhecida por ser a porta de entrada da maioria dos portugueses no exílio em França, e que seria o nome da primeira canção do seu álbum de estreia *Mudam-se os tempos, mudam-se as vontades*.

detinha uma vantagem de incontestável e incontornável valor, impossível de encontrar em Portugal: havia uma liberdade de expressão e de contestação num nível muito diferente daquele que o nosso país possuía e só viríamos a encontrar após a Revolução do 25 de Abril de 1974. (Caeiro 2012, 195)

Numa entrevista à delegação francesa da Fundação Calouste Gulbenkian, o compositor afirma que nesses primeiros anos em Paris, pouco contactou com a música e a poesia, tendo a situação mudado quando, por volta de 1963, um primo da sua primeira mulher, Isabel Alves Costa, deixou uma guitarra acústica na casa de ambos por não ter possibilidade de a levar na viagem (Fondation Calouste Gulbenkian s.d.). Progressivamente, José Mário Branco foi aprendendo a tocar guitarra sozinho, algo que fez com relativa facilidade pelo facto de, até 1960, ter estudado na escola de música Parnaso, no Porto, piano, flauta, percussão, composição, orquestração, análise musical e etnomusicologia (Arquivo JMB 2019b).

Em 1970, o compositor foi responsável pelos arranjos musicais de quatro canções do LP homónimo de James Ollivier. Mais tarde, decorria o ano de 1972, José Mário Branco fez a produção musical do LP *Adieu la mer est belle*, de Jean Sommer, músico francês de quem se tinha tornado amigo durante o Maio de 68, em Paris. A intensificação do contacto com músicos franceses viria a impulsionar de forma decisiva a sua carreira (Caeiro 2012, 150), tendo o músico participado em espectáculos por toda a França, onde interpretava principalmente repertório de outros músicos, entre os quais Léo Ferré, Patachou, Jacques Brel e Marcel Mouloudji (idem, 245). Iniciou entretanto a composição das suas próprias canções, primeiro em francês, por ser essa a realidade que o rodeava, e mais tarde em português, tendo começado aos fins-de-semana a marcar presença nas várias associações portuguesas de imigrantes por toda a Europa (RTP Palco s.d.).

As suas primeiras canções em português foram publicadas no EP *Seis antigas de amigo*, editado por Fernando Lopes-Graça e Michel Giacometti através dos Arquivos Sonoros Portugueses em 1969 (Arquivo JMB 2019c). No mesmo ano é lançado o *single* «Ronda do soldadinho/Mãos ao ar», a primeira edição de *single* produzida por José Mário Branco durante o seu exílio em França.^[2] Este foi difundido por inúmeras asso-

2 Nota dos coordenadores: sugere-se a escuta da canção, interpretada pelo seu autor no seguinte link «José Mário Branco – Ronda do Soldadinho (RTP – 1974)», YouTube, 11 de Setembro, 2015, <https://www.youtube.com/watch?v=a41VQmS1zmk>.

ciações de imigrantes, tendo sido trazidos para Portugal, de forma clandestina, cerca de três mil exemplares (Arquivo JMB 2019d).

A sua actividade musical desenvolveu-se principalmente a partir da década de 1970, tendo completado cinquenta anos de carreira em 2017. Estas décadas abrangem não só a produção de canções de intervenção, mas também música para cinema e peças de teatro, bem como uma longa lista de álbuns dos quais foi produtor musical. Anticonformista, nunca se resignou, nem mesmo depois da Revolução de Abril. Segundo o próprio «sou o Zé Mário Branco, 37 anos, do Porto, muito mais vivo que morto, contai com isto de mim para cantar e para o resto»^[3] (Arquivo JMB 2019a).

No ano de 1971, José Mário Branco atravessava um período de grande actividade musical na sua então curta carreira artística. Em Novembro, lança o seu primeiro LP, *Mudam-se os tempos, mudam-se as vontades*;^[4] no qual canta poemas de Sérgio Godinho, Luís de Camões, Alexandre O'Neill, Natália Correia, para além dos próprios. O ano ficou também marcado pelo seu trabalho de produção e direcção musical^[5] no LP *Cantigas do Maio* de José Afonso, gravado no Strawberry Studio em Herouville, perto de Paris. José Mário Branco viu o seu trabalho de produtor musical reconhecido pela imprensa da época, o número 25 da revista *Mundo da Canção* (publicado no início de 1972) fez um balanço de vários álbuns editados ao longo de 1971, referindo-se à produção do álbum como sendo:

[...] o trabalho de uma equipa, de um conjunto. Não se limitou a José Afonso e a uma certa linearidade que é peculiar no que respeita aos apontamentos que marginam o que é restritamente musical. Inteligentemente se aproveitou a experiência (e a modernidade de conceitos) que são pertença de José Mário Branco e também de Carlos Correia (Bóris), donde resultou, trecho por trecho, um tratamento específico e rigoroso, servindo por todo um gabarito técnico que, por si mesmo, não precisa de justificação. (Lívio 1972, 14)

3 Citação do texto da sua canção «FMI».

4 Nota dos coordenadores: o título do álbum usa o primeiro verso do soneto homónimo de Camões.

5 Nota dos coordenadores: termos utilizados pelo autor no referido álbum.

A revista *Mundo da Canção* tinha como principal premissa a divulgação da música feita por artistas portugueses e estrangeiros que, de alguma forma, cantavam palavras de denúncia e de protesto contra regimes opressivos e contra a alienação cultural, como se pode ler no seu *site* oficial.^[6] Por um lado, jogava a favor desta publicação o nome da revista, que assumia um carácter popular, que ia de encontro aos ideais do regime ditatorial e, por outro lado, era impressa na cidade do Porto o que fazia também com que fosse mais fácil «evitar» a PIDE (ibidem).

Durante o ano de 1971 foi também publicado o EP *La Comune de Paris*, no qual José Mário Branco assinou a autoria da canção «Le proscrit 1871».^[7] Esta canção «resultou de um pequeno espectáculo de comemoração do centenário da Comuna de Paris, no qual o autor participou em 1971 durante o seu exílio em França. A letra da canção é interpretada por José Mário Branco e pelo actor Patrick Morelli» (Arquivo JMB 2019a).

O ano de 1972 ficou marcado pelo lançamento do seu segundo LP, *Margem de certa maneira*, que continuou a apresentar canções nas quais as críticas ao regime ditatorial eram uma constante. Tenha-se como exemplo a letra da canção «Eh companheiro»:

Eh! Companheiro resposta
resposta te quero dar
Só tem medo desses muros
quem tem muros no pensar
Todos sabemos do pássaro
cá dentro a qu'rer voar
Se o pensamento for livre
todos vamos libertar
(Arquivo JMB 2019e).

José Mário Branco foi também responsável pelos arranjos e direcção musical do álbum de José Jorge Letria, *Até ao pescoço*, publicado em 1972. Num e-mail, em Novembro de 2017 (Branco 2017),

6 Nota dos coordenadores: *site* oficial da revista: «Página inicial» *Mundo da Canção*, última modificação em 2019, <https://mundodacancao.pt/>.

7 Nota dos coordenadores: sugere-se a audição da canção através do *link*: «Le proscrit de 1871», YouTube, 31 de Maio, 2018, <https://www.youtube.com/watch?v=Hm53qzqhCMI>.

o compositor referiu que, nesse ano, terá também colaborado com o escritor Álvaro Guerra num projecto de álbum intitulado *Crónica* que, devido à censura, nunca chegou a ser editado. Muitas dessas canções seriam, nesse mesmo ano, integradas no LP *Margem de certa maneira*.¹⁸ Em 1973 destaca-se a sua produção, como instrumentista, arranjador e director musical do álbum *Venham mais cinco*, de José Afonso, bem como a composição da canção «A cantiga é uma arma». Um conjunto de documentos presentes no arquivo mencionado, tornam possível um contacto com o método de trabalho deste compositor, permitindo uma melhor compreensão do mesmo.

[«A cantiga é uma arma»] foi composta por José Mário Branco em 1973 para o festival *Jogos Florais da Imigração Portuguesa*, realizado na Cartoucherie de Vincennes em Paris, durante o exílio de José Mário Branco em França. A letra da canção foi policopiada por José Mário Branco na véspera do festival, e colocada por debaixo dos bancos da audiência. Como resultado, no dia do festival e durante a segunda repetição do refrão, já toda a sala cantava em coro a canção, tendo sido o grande sucesso da noite. A canção acabou por ficar em primeiro lugar no concurso de canções de jogos, porém o júri não atribuiu o prémio a José Mário Branco porque, segundo lhe disseram, «um verdadeiro revolucionário não pode utilizar a expressão “eu não sabia”», que é repetida várias vezes ao longo da canção. (Lopes cit. in Arquivo JMB 2019f)¹⁹

Ainda no decorrer do ano 1973, há registo de uma colaboração de José Mário Branco com o cineasta francês Dominique Dante, num filme sobre a emigração portuguesa que nunca foi terminado (Ramos 2016). Décadas mais tarde, essas gravações serviriam como impulso para a concretização do documentário *Mudar de vida*, realizado por Nelson Guerreiro e Pedro Fidalgo, lançado em DVD em Dezembro de

8 Nota dos coordenadores: o álbum foi gravado em Hérouville, no Strawberry Studio. «Cantiga da velha mãe e dos seus dois filhos (mãe coragem)», integrada no presente registo, resulta da colaboração entre José Mário Branco (música) e Sérgio Godinho (texto) e alude à peça *Mãe coragem e os seus filhos* de Bertolt Brecht. Pode ouvir-se a canção no seguinte link: «Cantiga da velha mãe e dos seus dois filhos (Mãe coragem)», YouTube, 8 de Novembro, 2014, <https://www.youtube.com/watch?v=b1VZ2KvIG-Q>.

9 Esta entrada, por mim redigida refere-se a informação recolhida numa exposição realizada por José Mário Branco, a 10 de Novembro de 2018, na Casa da Cultura em Setúbal, visando a apresentação do álbum *Inéditos 1967-1999*.

2016.^[10] Em 1974, José Mário Branco e José Afonso colaboraram com o documentário *As armas e o povo*,^[11] que retrata os primeiros dias após a Revolução de Abril de 1974. Incluem-se duas canções de José Afonso e uma de José Mário Branco («Grândola Vila Morena», «Os eunucos» e «Perfilados de medo», respectivamente). O documentário conta também com canções de José Jorge Letria, Fernando Lopes-Graça e Luís Cília. Registos sobre a criação do GAC (Grupo de Acção Cultural) em 1974, encontram-se também no Arquivo.

As notícias da Revolução que chegaram a Paris às primeiras horas da manhã do dia 25 de Abril de 1974 eram parcas e pouco precisas. José Mário Branco e os seus companheiros de exílio aguardaram todo o dia por notícias mais concretas de familiares e amigos e, quando chegou a confirmação oficial de que o golpe militar tinha sido realizado pelo Movimento das Forças Armadas, o compositor começou a planear o seu regresso a Portugal, não sem antes ver asseguradas, de forma oficial, duas condições que considerava essenciais para que o seu regresso se fizesse com garantias: a libertação imediata de todos os presos políticos, sem excepção, e a independência dos territórios coloniais (RTP Palco s.d.). Estas condições ficaram garantidas a 29 de Abril, e José Mário Branco regressou finalmente a Portugal no final da manhã do dia 30 de Abril de 1974, no mesmo avião que Álvaro Cunhal. A sua chegada, juntamente com outros companheiros de exílio, ficou registada num vídeo onde o compositor surge abraçado a José Afonso,

10 Nota dos coordenadores: a designação completa do DVD é *Mudar de vida, José Mário Branco, vida e obra* e é editado pela Alambique. Pode ver-se o *trailer* em: «MUDAR DE VIDA, JOSÉ MÁRIO BRANCO, vida e obra (TRAILER)», YouTube, 24 de Março, 2014, <https://www.youtube.com/watch?v=3turCsGeKH0>.

11 Nota dos coordenadores: documentário produzido pelo Sindicato dos Trabalhadores de Produção de Cinema e Televisão, pode ser visualizado integralmente em: «AS ARMAS E O POVO (1975)», YouTube, 8 de Maio, 2012, <https://www.youtube.com/watch?v=BMDW0-5abbE>. Pode ler-se no *site* da Cinemateca, por ocasião do seu restauro: «As Armas e o Povo é o mais célebre filme da revolução portuguesa. Rodado durante a semana entre o 25 de Abril e o 1.º de Maio de 1974, junta as grandes movimentações de massas aos discursos de Mário Soares e Álvaro Cunhal e a libertação dos presos políticos às entrevistas de rua conduzidas pelo cineasta brasileiro Glauber Rocha. Assinado pelo Colectivo de Trabalhadores da Actividade Cinematográfica, é um documento histórico inestimável, feito a quente e em cima do acontecimento por vários técnicos e realizadores portugueses. Uma obra incontornável do cinema militante europeu, *As armas e o povo* é também um manifesto sobre a relação entre cinema e política, não apenas como mero difusor dos acontecimentos, mas sobretudo como participante ativo do ato revolucionário.» «AS ARMAS E O POVO' NO FESTIVAL LUMIÈRE», Cinemateca, 7 de Outubro, 2019, <http://www.cinemateca.pt/Cinemateca/Noticias/As-Armas-e-o-Povo%E2%80%9D-no-Festival-Lumiere.aspx>.

cantando a canção «Grândola Vila Morena» em coro com a multidão envolvente (RTP Palco s.d.).

Após o regresso a Portugal, o seu percurso musical ficou especialmente marcado pela colaboração com o GAC. Em declarações ao programa *Vejam bem* (RTP Palco s.d.), o compositor afirmou que naquela época a sua prioridade era assegurar a continuidade da mudança, uma vez que tinha passado os seus últimos anos de exílio a denunciar, em cantigas, as repressões do regime salazarista. Relata ainda que passou os meses seguintes a actuar com o GAC de norte a sul do país, dando mais de mil espectáculos, dos quais poucos foram remunerados (ibidem).^{12]}

Numa entrevista publicada pelo jornal *A Memória de Elefante*^{13]} em 1974, José Mário Branco declarou: «deixou de ser uma atitude de querer exprimir-me individualmente e tornou-se uma aspiração real a poder exprimir-me colectivamente» (Gonçalves e Silva 1974, 150), acrescentando que foi por esse motivo que uma das suas primeiras acções ao chegar a Portugal «foi ir à Sasseti e dizer que cancelava o meu contrato, porque quero estar disponível a 100 % para esse tipo de acção» (ibidem). Na mesma entrevista afirma ainda que lhe interessa «realmente encontrar camaradas com quem possa fazer um trabalho de qualidade, ao nível dos melhores profissionais, porque temos de dar lições em todos os aspectos, temos que ser os melhores em tudo. Isso vai levar tempo e é por isso que eu não estou com muita pressa de vir com discos cá para fora» (idem, 151). Ao longo desta entrevista, é notório o desejo de José Mário Branco que o povo insista na luta pela defesa da liberdade e condições de vida mais justas e nesse sentido, a canção popular enquanto género musical e grupos como o GAC podiam continuar a servir de gatilho, no sentido em que contribuíam para devolver ao povo a sua identidade. É evidente o interesse dos jornalistas Mário Gonçalves e Octávio Fonseca Silva em futuros planos *a solo* de José Mário Branco, porém, o músico revela-se plenamente focado no seu trabalho com o GAC. A colaboração de José Mário Branco com este grupo durou cerca de um ano e meio e, de certa forma, essa actividade musical colectiva abriu-lhe portas para todo o seu percurso musical

12 Nota dos coordenadores: pode consultar-se este documentário através do seguinte *link*: «Vejam Bem», RTP, última modificação em 2020, <https://www.rtp.pt/play/palco/p5034/e422018/vejam-bem>.

13 Nota dos coordenadores: jornal de música popular, jazz, erudita e rádio, publicado no Porto entre 1971 e 1974.

posterior, que foi essencialmente marcado pelo trabalho de composição de música para peças de teatro e cinema. O regresso aos álbuns *a solo* só se daria em 1982 com o lançamento do LP *Ser solidário*, oito anos após o seu regresso a Portugal.

A presença de José Mário Branco na imprensa periódica nacional entre 1970 e 1974

Apesar de exilado em França, José Mário Branco marcou presença na imprensa portuguesa durante os últimos anos da ditadura, tanto em revistas de música como em jornais periódicos.^[14] Analisámos onze publicações periódicas nas quais se encontra visado José Mário Branco, no período entre 1970 e 1974. Importa referir que todas as entrevistas ao compositor anteriores à Revolução de Abril de 1974 foram publicadas em periódicos que conseguiam contornar a censura. Como exemplo, veja-se o caso do semanário *Comércio do Funchal*, uma publicação regional com grande projecção a nível nacional, fenómeno que pode ser entendido pelo facto de ter ligações políticas a uma ideologia de esquerda e pelas ligações privilegiadas com os censores, conseguindo negociar com estes a publicação dos textos mais problemáticos (Nóbrega 2007). Um caso curioso é também o da entrevista de José Mário Branco à revista *Flama*, publicação quinzenal da Juventude Escolar Católica (JEC).^[15] Nesta, o músico assumia a vontade de se exprimir colectivamente:

[...] será um trabalho completamente diferente. Não na sua essência. Já há muito tempo que tento defender, através do que faço, os interesses da

14 O levantamento dos vários momentos em que o compositor surgiu na imprensa nacional entre 1970 e 1974 foi feito no âmbito de um estágio realizado no GTCC/CESEM pelo aluno de licenciatura em Ciências Musicais da NOVA FCSH, João Tojeira, orientado por Paula Gomes-Ribeiro. Os vários documentos provenientes desse levantamento servem agora como objecto de análise para que se possa melhor compreender a forma como José Mário Branco era abordado na imprensa portuguesa durante esse período.

15 A revista tinha o apoio do Estado Novo, porém, foi proibida em 1966 através de um decreto-lei no qual foi legitimado que apenas a Mocidade Portuguesa poderia exercer funções enquanto organismo de controlo e enquadramento da juventude portuguesa, proibindo desta forma a actuação da JEC. Após essa proibição, a JEC colocou-se em oposição à ligação que se pretendia estabelecer entre o regime e a igreja católica, opondo-se a pretensões totalizantes (Soares 2008, 486).

classe trabalhadora» (Amorim 1974, 26). Afirma ainda: «há, portanto, um assumir de responsabilidade da parte dos artistas populares antifascistas, anticolonialistas e anti-imperialistas e uma adesão profunda da nossa parte às necessidades actuais de desenvolvimento do movimento democrático e popular em Portugal». (ibidem)

Depois da Revolução, foram várias as notícias sobre o regresso de José Mário Branco a Portugal. O autor foi visto como um símbolo de luta e resistência, alguém que nunca deixou de cantar as opressões do povo português, era assim uma das figuras mais esperadas no regresso à pátria. Salienta-se uma notícia do seu regresso, publicada a 30 de Abril de 1974 no jornal *República*, escrita por José Jorge Letria que à data apresentava um percurso como músico de intervenção¹⁶ e também como jornalista:

[...] à hora a que lerem esta breve nota já José Mário Branco e outros exilados portugueses devem ter pisado de novo a sua terra, após muitos anos de ausência [...]. José Mário Branco cantou no exílio tudo o que lhe foi possível cantar sempre com os olhos virados para a pátria dominada pelo regime fascista. Hoje soou a hora do regresso. [...] É de facto muito diferente o ar que se respira nesta terra de liberdade. (Letria 1974a)

Na edição do dia 7 de Maio a *República* fez uma breve referência a José Mário Branco, numa nota sobre «Sérgio Godinho que em tempos foi obrigado a exilar-se em Paris onde trabalhou intensamente com José Mário Branco, ainda não regressou a Portugal» (Letria 1974b, 7). Duas notícias referem José Mário Branco no âmbito do I Encontro Livre da Canção Portuguesa, a primeira foi publicada no *Diário Popular* no dia 5 de Maio de 1974, onde é anunciado que naquela noite terá lugar «um espectáculo de música popular portuguesa», com a participação de «José Afonso, José Mário Branco, Sérgio Godinho, Francisco Fanhais, José Jorge Letria, Adriano Correia de Oliveira, Fausto, Luís Cília, Manuel Freire e, muito possivelmente, Manuel Alegre» (*Diário Popular* 1974); dois dias depois, a 7 de Maio, o jornal *República* noticiou esse mesmo espectáculo, organizado pelo Círculo de Cultura Teatral no Porto referindo que:

16 Relembramos que José Mário Branco foi responsável pelos arranjos musicais do álbum *Até ao pescoço* de José Jorge Letria, lançado em 1972.

[...] esta importante jornada da canção livre de Portugal, atraiu ao Pavilhão dos Desportos do Porto cerca de 20 000 pessoas que, entusiasmadas com a presença de cantores à [sic] longo tempo exilados, entoaram em coro cada refrão, aplaudindo vibrantemente cada frase, cada sugestão de liberdade ou de luta [...] Regressados de prolongado exílio, José Mário Branco e Luís Cília, foram recebidos com entusiasmo pelo público do Porto. (A.L 1974, 5)

Um outro tema abordado pela imprensa nacional foi o da participação de José Mário Branco no Festival RTP da Canção de 1974. No dia 17 de Julho desse ano, a revista *Flama* publicou uma entrevista a José Mário Branco, na qual o artista aborda a participação do GAC no Festival da RTP Canção com a canção «Alerta».^[17] Ao longo da entrevista, fala sobre a sua participação no festival realçando, uma vez mais, o desejo de se exprimir colectivamente: «fui convidado a título pessoal. Mas como faço parte do Grupo de Acção Cultural Vozes na Luta entendi que devia estudar e decidir o convite colectivamente» (Garcia 1974, 52). Fala ainda das razões que levaram à escolha da canção «Alerta»:

[...] para nós, a opção foi a de apresentar uma canção que hoje já significa qualquer coisa para muitos trabalhadores, pois é cantada em Portugal por muitos trabalhadores em luta», prosseguindo: «Foi um acto de demarcação política. Nunca afirmámos que a nossa canção era a melhor do mundo. Afirmámos, isso sim, que a nossa canção implicitamente defende, de forma coerente, os interesses dos trabalhadores. [...]» (Garcia 1974, 53-54)

Um dos temas mais abordados pela imprensa periódica portuguesa sobre José Mário Branco diz respeito à composição e interpretação de canções, o que se verifica na entrevista realizada por Júlio Henriques publicada no semanário *Comércio do Funchal* a 29 de Março de 1970. José Mário Branco apresenta, como sempre, um discurso claro e parcial, porém sem nunca se dirigir directamente ao regime. A primeira parte da entrevista foca-se principalmente na edição do EP *Seis cantigas de amigo*, que até então era o seu único trabalho publicado. A uma pergunta de Júlio Henriques sobre a difusão cultural o compositor

17 Para mais informações sobre a canção consultar o arquivo *online*: «Alerta», Arquivo José Mário Branco, consultado em 14 de Dezembro, 2020, <http://arquivojosemariobranco.fcsh.unl.pt/content/alerta>.

responde: «o problema da recuperação tem um interesse enorme e, na medida em que os autores não podem proibir seja a quem for de cantar as suas canções, como seria decerto seu desejo, parece inevitável» (Henriques 1970, 140). Esta afirmação deve ser realçada, pois revela que as suas ideias já estavam bem definidas nessa fase inicial da sua carreira, sendo que ao longo das décadas seguintes continuou a exprimir publicamente a opinião contra o conceito de direitos de autor.

Na edição n.º 13 de *A Memória do Elefante*,^[18] publicada em Dezembro de 1974, José Mário Branco aborda igualmente o papel da canção popular ao serviço do povo. Salienta-se a importância da arte feita pelo povo e para o povo, sem interferência do Estado. José Mário Branco é desde logo apresentado como «um dos cantores populares que mais se tem distinguido na divulgação da cultura popular» (Gonçalves e Silva 1974, 147). Os jornalistas revelam preocupação em compreender a opinião do músico sobre o papel da canção popular como arma para denunciar regimes opressivos e motivar o povo a agir, devolvendo-lhe as ferramentas que lhes tinham sido roubadas durante o período da ditadura. Esta é uma das entrevistas de José Mário Branco mais relevantes da época 1970-1974, uma vez que as opiniões que expressa sobre a importância da canção popular são transmitidas de forma assertiva e enfática: «a canção está a ser uma arma, porque comunicar com os outros é uma arma. Nós temos a possibilidade dessa comunicação de massas», e «agora ela pode ser uma expressão das lutas que levaram a isso» (Gonçalves e Silva 1974, 149).

Sobre os álbuns de José Mário Branco, identificam-se dois artigos publicados na revista *Mundo da Canção*. No n.º 25 é feita uma análise ao LP *Mudam-se os tempos, mudam-se as vontades*; este artigo, publicado no início do ano 1972, foca-se essencialmente sobre os lançamentos musicais do ano anterior e, relativamente ao LP, salienta: «o profundo conhecimento musical do autor-cantor o que lhe possibilita uma renovação mais profunda não só ao nível poético como também inclusivamente ao nível musical e orquestral [...] a variedade de propostas musicais que nos são feitas que vão desde a canção medieval (balada) até à sátira musicalmente bem conseguida [...] a instrumentação

18 Esta revista de música era publicada sob o aval da revista *Mundo da Canção*. Nota dos coordenadores: veja-se a informação disponibilizada no site do *Mundo da Canção* sobre a referida revista: «Memória do elefante», última modificação em 2019, <http://mundodacancao.pt/historial-mc/memoria-do-elefante/>.

adoptada lançando definitivamente a música portuguesa por uma universalidade rítmico-instrumental» (Lívio 1972).

Publicado no início de 1973, no n.º 24 da referida revista, um artigo faz uma análise do LP *Margem de certa maneira*, sendo realçado o carácter das suas canções: «a distância não faz o artista alienar-se dos problemas do seu país de origem» (Lívio 1973, 6). É ainda referido que este LP é «um disco que nos demonstra, à distância, a lucidez e a percepção clara do seu autor numa canção que se quer de análise e mutação de uma realidade a que nos mantemos enraizados» (idem, 7). Note-se que este número do *Mundo da Canção* foi o primeiro a ter uma proibição expressa por parte da polícia política. Durante a apreensão da edição pela PIDE, alguns funcionários conseguiram resgatar exemplares da revista, porém, a maioria da tiragem só chegou a público após o golpe militar de 25 de Abril de 1974.^[19]

Um outro tema recorrente é o da actividade musical de José Mário Branco. Numa entrevista à revista *Flama* n.º 1244 de 7 de Janeiro de 1972, levada a cabo por Adelino Gomes, refere-se que o compositor se teria dedicado em exclusivo à sua actividade musical no último ano e meio, ou seja, desde finais do ano de 1970, cerca de dois anos depois do seu primeiro contacto com músicos franceses durante o Maio de 68. No decorrer desta entrevista, José Mário Branco fala acerca do seu trabalho com o Groupe Organon, definindo-o como «uma cooperativa de produção e difusão artística que se ocupa essencialmente em promover acção cultural em ambiente urbano [...] com as crianças nas escolas e nos liceus: pomos a técnica musical duma maneira perfeitamente acessível ao dispor da necessidade que as crianças têm de se exprimirem, de extravasarem, de se afirmarem» (Gomes 1972, 14). O músico fala ainda dos seus espectáculos em associações de imigrantes portugueses: «tenho cantado também na Bélgica, na Holanda, na Itália e na Suíça para público autóctone» (idem, 13). Evitando questões de foro político, no começo da entrevista, Adelino Gomes refere que José Mário Branco terá escolhido «a música como uma das vias de intervenção e elucidacão» (idem, 10). Na publicação *A Memória do Elefante* o músico refere:

[...] temos uma prática comum, e vamos aprendendo todos os dias a trabalhar juntos e servir os interesses dos trabalhadores através de canções, o melhor

19 Nota dos coordenadores: informação retirada de «Historial», *Mundo da Canção*, consultado em 16 de Dezembro, 2020, <http://mundodacancao.pt/historical-mc/revista-mc/>.

que vamos podendo. Somos menos mas não somos um grupo fechado nem partidário. Participamos na luta anti-reformista e pela Revolução Democrático-Popular na frente cultural. (Gonçalves e Silva 1974, 150)

Numa entrevista ao *Comércio do Funchal*, em 1970, José Mário Branco afirma que «aquilo a que, na nossa terra, se chamou realismo, ao fim e ao cabo era apenas um enorme idealismo. E parece-me que muita gente continua a ser realista deste modo, que é pegar nos problemas do povo e mastigá-los em função dos problemas pessoais que cada um possui» (Henriques 1970, 134). Aborda ainda a publicação do *single* «Ronda do soldadinho», que à data se encontrava no prelo, revelando as suas dúvidas relativas à publicação do EP em Portugal:

[...] receio bem que ele não seja aceite como foi o *Seis cantigas de amigo...* Fazendo um auto-condicionamento ao nível da edição deste disco, direi que ele, num circuito normal, estaria condenado à nasçença. É que, aqui em Paris, tanto o Luís Cília como eu temos talvez uma grande vantagem. Essa vantagem é podermos pensar nas nossas canções, naquilo que vamos dizer com elas. Aqui a gente habitua-se pelo menos a uma atmosfera diferente. (Henriques 1970, 136)

Finalmente, é de referir a declaração do músico na entrevista à revista *Flama*, no contexto das canções «Gare de Austerlitz» e «Mudam-se os tempos, mudam-se as vontades». Descontente com o regime que o obrigou a procurar refúgio longe da pátria, assume a partilha de vivência com os seus companheiros de exílio: «eu, como os 700 mil portugueses que estão aqui por França, nunca abandono a ideia de que Austerlitz se transforme um dia numa estação de regresso ao meu País» (Gomes 1972, 13).

Considerações finais

O levantamento de publicações na imprensa periódica entre 1970-1974 permite-nos concluir que as revistas e jornais de determinado segmento se mostravam interessados em acompanhar o percurso de José Mário Branco. As opiniões políticas eram abordadas, porém eram tratadas com uma certa «leveza» e, ao mesmo tempo, de forma suficientemente clara para os leitores. Depois da Revolução de Abril de

1974 é de facto notória uma mudança na forma como a imprensa portuguesa tratou José Mário Branco. O seu regresso do exílio foi seguido com especial atenção e, nos períodos seguintes, foram várias as publicações interessadas na opinião de José Mário Branco acerca do papel da canção popular, bem como sobre os seus planos profissionais futuros. Por sua vez, José Mário Branco soube aproveitar essa atenção que lhe foi dada para falar das causas que defendia e para tentar construir um país capaz de abraçar os ideais de Abril.

A força e a coerência do seu discurso marcaram a sua obra e a sua vida, nunca deixando a Revolução de Abril lhe «amansar» os valores, dando-lhe, pelo contrário, mais força e sentido. Até ao fim, José Mário Branco continuou a lutar pelos mesmos ideais de quando regressou de França e se dedicou à canção popular de forma colectiva, pois sabia que juntos somos sempre mais fortes.

A disponibilização pública de todo o seu acervo pessoal vai também ao encontro dos ideais de colectividade e partilha que sempre defendeu. O Arquivo José Mário Branco, constituído por mais de mil e quinhentos documentos, pode, desta forma, assumir-se como uma ferramenta para o estudo do seu legado. A importância da disponibilização de um arquivo musical com esta dimensão e características revela-se um instrumento essencial no sentido de potencializar uma visão mais abrangente da música de intervenção portuguesa ao longo da segunda metade do século xx.

José Mário Branco deixou-nos de forma repentina, no dia 19 de Novembro de 2019, aos setenta e sete anos de idade. Na imprensa nacional e internacional foram-se desdobrando homenagens que celebraram a vida e a obra de um dos maiores músicos portugueses do século xx. A sua morte deixa um vazio na sociedade e cultura portuguesa, resta-nos agora recordar o artista, o homem e toda uma obra sem igual, que nos lembra de lutarmos por aquilo que está certo.

As cerimónias fúnebres contaram com a presença de várias personalidades da política e da cultura do nosso país, mas foi o povo português que, em peso, se quis despedir de um companheiro de vida, entoando num murmúrio colectivo os versos da canção «Eu vim de longe, eu vou p'ra longe»:

Eu vim de longe, de muito longe
 O que eu andei pr'aqui chegar
 Eu vou p'ra longe, p'ra muito longe

Onde nos vamos encontrar
Com o que temos p'ra nos dar
(Arquivo JMB 2019g).

Referências

- Arquivo José Mário Branco. 2019a. «Canção Le Proscrit de 1871». Consultado em 16 de Janeiro, 2019. <http://arquivojosemariobranco.fcsh.unl.pt/content/le-proscrit-de-1871>.
- . 2019b. «Documento oficial da escola de música Parnaso». Consultado em 10 de Janeiro, 2019. <http://arquivojosemariobranco.fcsh.unl.pt/content/documento-oficial-da-escola-de-m%C3%BAsica-parناسo>.
- . 2019c. «Seis cantigas de amigo». Consultado em 12 de Janeiro, 2019. <http://arquivojosemariobranco.fcsh.unl.pt/content/seis-cantigas-de-amigo>.
- . 2019d. «Ronda do soldadinho». Consultado em 16 de Janeiro, 2019. <http://arquivojosemariobranco.fcsh.unl.pt/content/ronda-do-soldadinho>.
- . 2019e. «Letra da canção 'Eh! Companheiro' (José Mário Branco ao vivo em 1997)». Consultado em 17 de Janeiro, 2019. <http://arquivojosemariobranco.fcsh.unl.pt/content/letra-da-can%C3%A7%C3%A3o-eh-companheiro-jos%C3%A9-m%C3%A1rio-branco-ao-vivo-em-1997>.
- . 2019f. «A cantiga é uma arma». Consultado em 17 de Janeiro, 2019. <http://arquivojosemariobranco.fcsh.unl.pt/content/cantiga-%C3%A9-uma-arma-0>.
- Branco, José Mário. E-mail enviado a Patrícia Lopes, CESEM, 17 de Outubro, 2017.
- Caeiro, Maria de Fátima. 2012. «Influências francesas na música de intervenção portuguesa nos anos 70». Dissertação de mestrado em Línguas e Culturas, Universidade de Aveiro.
- Fondation Calouste Gulbenkian – Délégation en France. s.d. «José Mário Branco – Partie 1». YouTube, 20 de Fevereiro, 2018. Vídeo, 1:09:54. <https://www.youtube.com/watch?v=n8YC1-EtoLY>.
- . s.d. «José Mário Branco – Partie 2». YouTube, 20 de Fevereiro, 2018. Vídeo, 1:09:54. <https://www.youtube.com/watch?v=rzBz-9Ujv8Q>.
- Mundo da canção. s.d. «Página inicial». Última modificação em 2019. Consultado em 15 de Dezembro. <http://mundodacancao.pt/>.
- . s.d. «Historial». Última modificação em 2019. Consultado em 16 de Dezembro 2020. <http://mundodacancao.pt/historical-mc/revista-mc/>.
- Nóbrega, Tolentino de. 2007. «Jornal 'cor-de-rosa' nasceu há 40 anos no Funchal». *Público*, 2 de Janeiro, 2007. <https://www.publico.pt/2007/01/02/jornal/jornal-corderosa-nasceu-ha-40-anos-no-funchal-114737#>.

- Ramos, Jorge Leitão. 2016. «José Mário Branco: é tempo de “Mudar de vida”, com um “rap ericado”». *Expresso*, 4 de Maio, 2016. <https://expresso.pt/cultura/2016-05-04-Jose-Mario-Branco-e-tempo-de-Mudar-de-vida-com-um-rap-ericado>.
- RPT Palco. s.d. «Vejam bem”, RTP. Última modificação em 2020. Consultado em 26 de Dezembro, 2018. <https://www.rtp.pt/play/palco/p5034/e422018/vejam-bem>.
- Soares, David. 2008. «A (re)definição da identidade da Juventude Escolar Católica (JEC) no final da década de 60». *Lusitania Sacra*, 2ª série, 2007-2008: 486.
- Víctor Mendes (TV1). «As armas e o povo». YouTube, 8 de Maio, 2012. Vídeo, 1:17:59. <https://www.youtube.com/watch?v=BMDWo-5abbE>.

Periódicos

- A.L. 1974. «A canção livre portuguesa viajou até ao Porto». *República*, 7 de Maio, no. 15431: 5.
- Amorim, António. 1974. «José Mário Branco: os tempos mudam, a luta continua». *Flama*: 24-27.
- Diário Popular*. 1974. «Esta noite no Porto – I Encontro Livre da Canção Popular com a participação de José Afonso, Fanhais, José Mário Branco e talvez Manuel Alegre.”» *Diário Popular*, 5 de Maio.
- Garcia, Pinto. 1974. «José Mário Branco: uma demarcação política/a presença no festival». *Flama*, 17 de Julho, no. 1367: 52-57.
- Gomes, Adelino. 1972. «José Mário Branco: uma voz de mudança». *Flama*, 7 de Abril, no. 1244: 10-14.
- Gonçalves, Mário, e Octávio Fonseca Silva. 1974. «Entrevista a José Mário Branco». *A memória do elefante*, Dezembro, no. 13: 147, 149, 150-151.
- Henriques, Júlio. 1970. «Cantar ao vivo – encontro com José Mário Branco». *O Comércio do Funchal*, 5 de Abril, no. 2057: 133-147.
- Letria, José Jorge. 1974a. «José Mário Branco na hora do regresso». *República*, 30 de Abril, no. 15431.
- . 1974b. «Sérgio Godinho: regresso urgente». *República*, 7 de Maio, no. 15431: 7.
- Lívio, Tito. 1972. «Música portuguesa: nova fase José Mário Branco». *Mundo da Canção*, ano III, no. 25: 6-8, 14.
- . 1973. «Três álbuns importantes: uma canção significativa». *Mundo da Canção*, ano IV, no. 34: 6-7.